

“O problema falado aqui acontece no Brasil todo”

Nos dias 14, 15 e 16 de janeiro deste ano, realizou-se a 13ª quilômetros de Teófilo Otoni, Minas Gerais, a primeira Assembléia Indígena da Regional Leste CNBB. Estiveram reunidos representantes dos grupos Tupinikin, Guarani e Krenak.

Os Maxakali foram impedidos de participar: a FUNAI não permitiu que seus três representantes comparecessem. Encontrados na estrada, por funcionários do órgão governamental, tiveram que retornar à sua aldeia. No entanto, seus problemas não deixaram de ser abordados pelas outras tribos presentes. Pois, com disse João Carvalho — um Guarani — “o problema, falado aqui, está acontecendo no Brasil inteiro”.

Os três dias de reunião não foram suficientes para que os índios abordassem todos os seus problemas e lutas. O assunto central foi a terra. Hoje, as terras indígenas sofrem ocupações por fazendeiros e grandes empresas, sendo que a FUNAI nada faz de concreto para defendê-los, como fica claro nas declarações dos índios.

Os diálogos são mantidos e transcritos exatamente iguais às falas dos indígenas, que participaram da reunião transcritos no último documento do CIMI. Não houve uma preocupação ortográfica com o texto, no que se refere à fala dos oradores, para que se mantivesse uma fidelidade maior e, conseqüentemente, uma maior autenticidade nas palavras dessas tribos.

O índio José Pêgo, da tribo Tupinikin, expõe toda a situação de destruição cultural e social passada pela população indígena brasileira, expondo desde problemas com demarcação das terras até afirmações que caracterizam a FUNAI como um órgão que não apóia o índio. Na abertura da primeira Assembléia Indígena da Região Leste, José Pêgo afirmou:

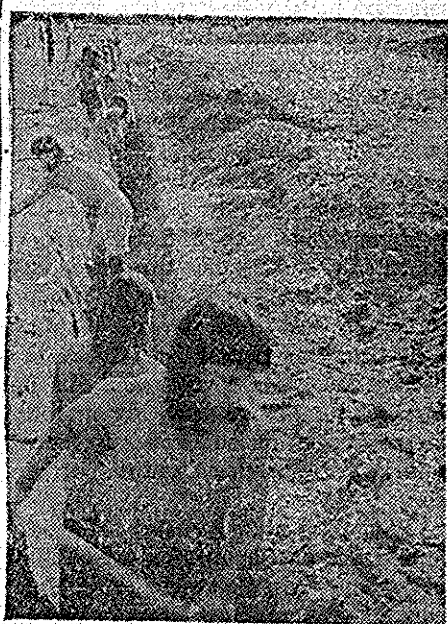
“A FUNAI doou em projeto pra nós durante cinco anos, entrando com barco, rede, frigorífico e também saco de semente para cada família. Assim nós aceitamos a demarcação. Mas se não vier com o projeto dentro da nossa terra, nós não aceitamos. Porque se não tem projeto e vai diminuir as terras também, não tem jeito. E nessa reunião, nós estamos com esse drama, ou marca ou não demarca a área. Agora, eu queria uma orientação dos irmãos também pra o que vamos fazer de hoje em diante, poder progredir na nossa área”.

Adão, um índio Krenak, expõe problemas semelhantes sobre demarcações de terras da sua tribo:

“Nós viemos aqui porque o cacique achou que nós podia ter vindo. Porque a FUNAI não faz reunião, então nós vamos lá porque é a primeira vez mesmo, e vê se o negócio é bom mesmo, né? Nós pedimos pra marcar a terra, são 250 alqueires, daí falaram em 250 hectares, nós não aceitamos. Tivemos problemas com o fazendeiro, que botava o gado na nossa roça e destruiu tudo. Aí repartimos a terra, parte nós planta e parte ele põe o gado. Agora, pelo jeito que tô vendo a FUNAI fazendo, já tamo com as antenas ligada pra se for dá uma bocada pra cima de nós também, aí a gente já tá esperando a bocada que vai dá”.

A Assembléia prosseguiu com a participação de várias tribos, todas foram unânimes em afirmar que o grande problema do indígena é a própria FUNAI e a necessidade de ampliarem-se as terras economicamente produtivas. Essas são as declarações de João Carvalho, da tribo Guarani:

“Os problemas estão acontecendo no Brasil inteiro, mas nós tamo vendo aqui nessa reunião. Por enquanto estamos lutando para alcançar esta acomodação do índio, lá também nós encontramos em grande luta que nós lutamos para que esta terra seja devolvida para o índio, e nenhum branco pode dizer que a terra do índio é do branco. O índio só, não pode resolvê o caso da terra. O cacique só não pode ganhá, mas a força do índio é uní, a união. A terra é nossa vida, se os brancos toma a terra, acaba a nossa vida. É isso que está acontecendo, A FUNAI duas vezes quis levantá posto indígena dentro da nossa comunidade, nós não deixamos, nós sabemos dirigi a vida da nossa família. Eles podia ajuda o índio, mas não ajuda, só



quer tirá o que é nosso. Apóia a Companhia, o fazendeiro e o índio cada vez mais pra baixo. O trabalhador da fazenda tem que obedecer o patrão, senão cai fora a FUNAI, também faz a mesma coisa — se você aceitar a FUNAI na sua terra, amanhã você já está fora, que isso aqui é da FUNAI e não do índio”.

Diante das declarações do índio Guarani Adão, um Krenak, declarou:

“Não pode deixar eles pega mais terra lá, o negócio é não deixa. Porque se deixa acabou, eles vão querer pegar mais pra frente”. Seguindo a proposta de João Carvalho, para não deixar a FUNAI se estabelecer definitivamente em Caieira Velha e renovar a demarcação feita pelos índios de suas terras, não aprovada pela FUNAI, os índios Santa Tupinikin, Adão (Krenak), Manoel (Krenak) apoiaram integralmente o índio Guarani.

Tentando exemplificar problemas como este, que põem os índios perdidos diante de tanta incoerência por parte da FUNAI, Bino, um índio Tupinikin, relatou um acordo entre sua tribo, o órgão do governo e uma companhia:

“Primeiro, o acordo foi em Brasília de vendê o eucalipto do Coqueiral até o Irajá pra companhia e recebe indenização em projeto. Não foi aceito. Depois o Ministro foi em Caieiras e veio com outro acordo, querendo não só o eucalipto mas, mais um pedaço dos Guarani. Em Vitória, o Ministro e o Coronel já modificou o acôrdo, queria o jacarandá beirando a mata, tirando o pasto dos Guarani. Não foi aceito, mas mandou um agrimensor medir, deixando uma área redonda. Ele queria tirar o pasto dos Guarani e depois fazê outro pasto pra eles. Então, cada dia muda a conversa”.

No meio da Assembléia, Bino perguntou a Adão, qual a sua opinião sobre a FUNAI e suas intensões com os índios. O Krenak respondeu:

“Do jeito que ela tava fazendo, queria acabar com o índio. No meu entendê, ela quer é ganha nas costa do índio, ela não tem interesse de ajuda nada. Ela não tá ajudando índio nenhum. Se ela não tá ajudando deixá lugar pra outro, então deixa índio vive sozinho, sossegado”.

A seguir, quase todos fizeram a mesma pergunta, o que cada um achava desse órgão do governo? E a Assembléia, como um todo, respondeu que a FUNAI não quer possibilitar ao índio uma vida sem interferências de companhias interessadas em ocupar suas terras, ao contrário, tira da população indígena áreas fundamentais à sua existência, como conta Laurita, uma índia Krenak:

“Em Brasília, o presidente da FUNAI falou que nossa área não tinha mais jeito, era do fazendeiro. Eu chorei e contei que aquilo era nosso, nós nascemo lá, mas ele falou que não tinha mais jeito. Aí, falei pra ele entrá lá e matá nós, pois enquanto nós tivesse na nossa aldeia, ninguém tirava nós de lá. Depois que a gente voltou pra a aldeia, eu não topei mais com o presidente da FUNAI. Eu queria topá com ele um dia pra falá, que a gente voltou mesmo e que o fazendeiro não matou a gente, como ele falou”.

Ao final da Assembléia, Bino afirmou: “O índio tem que ter sua liberdade. Porque a FUNAI é um órgão que precisa respeitar o direito do índio, e o índio não pode abaixar pra FUNAI. Lá em Caieira Velha, a FUNAI num impediu nós de sair da área, eu apoio de nós orienta outros índios. Os Maxakali pode aparecer lá na nossa aldeia”.